

Povos indígenas, educação superior e interculturalidade: uma experiência entre as professoras Xokleng da Terra Indígena Ibirama, em Santa Catarina*

Indigenous peoples, higher learning and cross-cultural living: an experience among Xokleng teachers in the ITerra Indígena Ibirama, in Santa Catarina

Cátia Weber**

Reinaldo Matias Fleuri***

* Os aspectos socioculturais referidos neste texto sobre as professoras Xokleng da TI Ibirama, fazem parte da pesquisa de Cátia Weber para a dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.
e-mail: catiaweber@gmail.com

*** Pós-Doutorado Università degli Studi di Perugia, UNIPG, Itália. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina.
e-mail: fleuri@pesquisador.cnpq.br

Resumo

Pretende-se neste artigo abrir um espaço de reflexão sobre a realidade vivenciada pelas professoras Xokleng da Terra Indígena (TI) Ibirama, que encontram-se matriculadas em cursos de Licenciatura no Centro Educacional Leonardo Da Vinci (Uniasselvi). Tomando como base a perspectiva intercultural, pretendemos pensar sobre as relações estabelecidas entre as professoras Xokleng e as não-índias e não-índios nesta instituição de ensino superior, bem como sobre as relações com seus familiares a partir deste contexto. Para compreender os significados presentes nestas relações é preciso avaliar as dimensões de etnia e de gênero e como estas podem reconfigurar a representação que estas professoras fazem de si mesmas no processo de construção de sua própria identidade étnica.

Palavras-chave

Índios Xokleng; interculturalidade; educação superior.

Abstract

It is intended in this paper to open a reflection space on the reality lived by the Xokleng teachers of the Terra Indígena (TI) Ibirama, who are registered in undergraduate courses in the Leonardo Of the Vinci Educational Center. Taking as base the intercultural perspective, we intend to think on the relations established between

the Xokleng teachers and the non-Indians in this tertiary level institution, as well as on the relations with their relatives from this context. To understand the meanings given in these relations it's necessary to evaluate the sex and ethnic dimensions, and how these may be reconfiguring the representation that these teachers make of themselves in the process of constructing their own ethnic identity.

Key words

Xokleng Indians; cross-cultural living; higher learning.

Interculturalidade, Identidade Étnica e Gênero

O Brasil é historicamente constituído por uma pluralidade de etnias que vêm desenvolvendo processos de identificação diferenciados e inter-relacionados. A globalização acentua a convivência e a fricção entre sujeitos de diferentes culturas, etnias e contextos sociais. Estando a maior parte destes sujeitos em relação, podemos entender que suas identidades sociais e culturais não são fixas e estáveis, mas fluidas e moventes: constróem-se pela convivência com diferentes grupos étnicos, raciais, lingüísticos, religiosos, em que são desconstruídas e reconstruídas a partir das inter-relações estabelecidas internamente e, simultaneamente, com as interferências externas. Stuart Hall (2005, p.12) reflete sobre esta realidade e nos diz que "o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades".

Assim, o que significa ser brasileiro ou ser sulista, gremista ou corintiano, nordestino, branco, negro, índio, homem, mulher, criança, idoso, militante, camponês, sem-terra, estudante, operário, classe média, etc.? Cada uma destas identidades assume significações próprias para cada sujeito em

diferentes contextos sociais e históricos, mostrando-se múltiplas, híbridas e desluzantes. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente (cf. FLEURI, 2003b, p.29).

Os estudos e propostas que vêm se desenvolvendo sobre esta questão, constituem o que chamamos de *intercultural*, ou seja, um "complexo campo de debate entre variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes, focalizando especificamente a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule" (FLEURI, 2003b, p.17). Sob esta perspectiva, buscamos compreender fenômenos de constituição identitária como processos de interação entre diferentes sujeitos socioculturais que constroem dinamicamente *fronteiras*¹ culturais, em que as lutas pelo *respeito à diferença* se configuram mediante a busca de construção da *igualdade de direitos e de oportunidades*. Constituem-se *entre-lugares* (BHABHA, 1998), processos conflituosos em que as identidades são expostas e percebidas ambivalentemente,

em que acontece o reconhecimento do pertencimento a grupos sociais, étnicos e culturais em diferentes contextos e, ao mesmo tempo, a reciprocidade e cooperação entre eles. O *entre-lugar* é onde os olhares se cruzam, convergem e divergem, relacionando o querer, o agir e o decidir, em um processo de inter-relação (cf. WEBER et al, 2005, p.01).

Um dos entre-lugares que nos chama atenção é constituído pelas relações interculturais que envolvem a educação superior e os povos indígenas, particularmente, nas experiências apresentadas por professoras da etnia Xokleng² matriculadas em cursos de Licenciatura³ oferecidos pelo Centro Educacional Leonardo Da Vinci (Uniasselvi), na cidade de Indaial, na Região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Os estudos sobre identidade étnica têm sido abordados intensamente pela Antropologia e Sociologia. Fredrik Barth (1998, p.189-90) analisa os critérios biológico e cultural para a definição de grupos étnicos, fundamentados pela literatura antropológica anterior. Segundo o autor, estes critérios levavam ao entendimento de que os grupos étnicos estariam em isolamento "cada um na sua cultura própria e organizado em uma sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha" (BARTH, 1998, p.195). Afirma também que não é possível prever quais aspectos culturais serão colocados em evidência pelos atores sociais; é preciso entender o grupo étnico como inserido em um contexto social mais amplo, em que interage com outras culturas humanas.

Assim, Barth (1998) formula a sua definição de grupos étnicos como formas

de organização social, em que o critério fundamental para identificação étnica é a "auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica". Para ele, uma "atribuição categórica é uma atribuição étnica, quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente." Os traços culturais de um grupo étnico podem sofrer alterações ao longo do tempo refletindo em *transformações culturais* de seus integrantes. O que permite acompanhar a continuidade de um grupo étnico e o *conteúdo da transformação cultural* é justamente a identificação e auto-identificação de seus membros que, por conseguinte, *formam grupos étnicos neste sentido organizacional*. (1998, p.193-94).

A identidade étnica possui para Barth, uma característica de ordem social, e não apenas uma gama de aspectos culturais. Isto nos chama a olhar para além dos limites sociais de um grupo étnico, para compreendermos as diferenças existentes entre diferentes grupos. Pois, segundo as definições do autor, são exatamente as diferenças culturais e sociais entre índios e não-índios que os definem como grupo.

A formulação de Barth é essencial para compreendermos os processos de constituição étnica que ocorrem nas relações sociais entre as professoras Xokleng e as não-índias e não-índios. Dessa forma, procuramos apoiar o entendimento de Barth com os estudos de Stuart Hall (2005), que conceitua a identidade étnica a partir de uma reflexão sobre as transformações identitárias em um contexto atual de globalização.

Para Hall (2005, p.49-50), a identidade é um conjunto de representações construído em situações específicas como um “conjunto de representação cultural, ou seja, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.”

Se pensarmos a identidade étnica como inserida em um contexto social mais amplo, podemos visualizá-la como parte de uma identidade plural⁴ que está sendo percebida entre os seres humanos do século XXI. *Uma* identidade plural comporta a intersecção de diferentes processos identitários constituídos por relações de etnia, de gênero, de geração, etc.

Nesse sentido, o processo de construção/reconstrução identitária destas professoras Xokleng configura-se não apenas nas interações étnicas entre índios e não-índios, mas também nas relações de gênero, entre homens e mulheres, assim como nas relações geracionais, entre crianças, jovens, adultos e anciãos.

A perspectiva de gênero que privilegamos neste estudo, juntamente com o enfoque sobre a constituição étnica, é tomada no sentido de dar, essencialmente, voz às mulheres Xokleng, a fim de conhecer a sua visão sobre o autoconhecimento como mulher, índia, professora e estudante na Uniasselvi. Pretendemos com este estudo, entender um pouco mais as mulheres indígenas e, em especial, as professoras parceiras nesta pesquisa, a quem pouco se direcionaram os estudos acadêmicos⁵.

Este trabalho toma o conceito de gênero como uma ferramenta de análise no estudo das sociedades indígenas em um

contexto contemporâneo, “por su relevancia para la construcción de relaciones sociales más justas y democráticas, específicamente las relaciones entre hombres y mujeres.” (FERNÁNDEZ, 2006, p.01).

Gênero é um conceito complexo e dinâmico abordado por diferentes disciplinas (sociologia, antropologia, psicologia, etc.), que vai para além da distinção sexual entre homens e mulheres. Entendemos este conceito como uma categoria repleta de significados construídos historicamente com bases nesta diferença sexual, estando presente nas relações de saber e de poder constituídas por meio do contraste da alteridade, ou seja, do confronto com *o outro*, em diferentes sociedades e contextos históricos (SCOTT, 1990).

Um dos mais sérios problemas na definição do conceito de gênero, está na visão ocidental de colar o sexo biológico ao gênero social. Segundo Miriam Pillar Grossi,

de forma simplificada diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre os homens e mulheres, que gênero é um conceito que remete à construção cultural de atributos de masculinidade e feminilidade (nomeamos de papéis sexuais), que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura (1996, p.15).

Para Scott (1990), gênero é uma categoria relacional e também política, constituindo-se em um *campo primário* onde se articulam as relações de poder, principalmente no que se refere a divisão sexual do trabalho em diferentes culturas, sendo um aspecto importante na organização das sociedades. Ou seja, nos permite analisar

como têm acontecido esta divisão sexual do trabalho, bem como sua relação com fatores sociais, culturais e econômicos. Fernández (2006, p.02) afirma que "la forma en que hombres y mujeres se dividen el trabajo denota espacios y relaciones de poder, así como actividades que son fomentadas o desalentadas para unos y otras, y sancionadas de forma diferente, e incluso pueden significar prohibición".

Tomando gênero como uma categoria relacional e política, poderemos pensar sobre as relações estabelecidas entre estas professoras Xokleng e suas famílias, no momento em que decidem enfrentar o percurso de educação superior na Uniasselvi. Quando se referem a suas famílias, estas professoras tornam-se também mães, avós, filhas e esposas. A dinâmica presente em suas identidades mostra uma pluralidade de categorias identitárias, ressaltando a diferença existente entre mulheres e homens, índias e índios. Somadas às identidades de professora e estudante da Uniasselvi, as relações acima colocadas promovem novos significados que a categoria gênero possibilita compreender. Estas relações também evidenciam diferenças, fazendo surgir uma diversidade que caracteriza as identidades em relação.

A história do contato na memória das professoras Xokleng

A história do povo Xokleng revela as violências sofridas, por este povo, devido ao processo de ocupação não-índia de seu território tradicional, primeiramente pelos grupos de bandeirantes e pelas missões

jesuítas nos séculos XVI, XVII e XVIII, e depois pelas frentes colonizadoras do século XIX e início do século XX.

A dramática história deste povo foi estudada por Santos (1987) e outros pesquisadores⁶, registrando o processo de contato e o seu confinamento em pequenos espaços de terra. Momentos como a abertura da estrada de tropas, o surgimento dos núcleos coloniais⁷ de Lages, Curitiba, Curitiba, Guarapuava e Porto Alegre a partir de 1700, constituíram-se em fluxos populacionais que forçaram o deslocamento dos Xokleng que, gradativamente, iam perdendo espaço territorial de caça, coleta e reprodução cultural.

O processo de ocupação do território tradicional Xokleng pelos imigrantes não foi pacífica. Foram muitos os conflitos diretos com os colonos, principalmente na região do Vale do Itajaí. Uma realidade que colocava em cheque o sucesso do processo de colonização. Para garantir a ação das companhias colonizadoras foram utilizadas milícias armadas compostas por bugreiros⁸ ou caçadores de índios, que eram mantidas pelo governo provincial e pelas companhias colonizadoras no ano de 1879. Tinham por objetivo a atração dos grupos indígenas para locais seguros, mas que na verdade promoviam o seu extermínio.

No século XX aflora uma idéia humanista de atração destes grupos indígenas e não do extermínio dos mesmos, que era partilhada pelos intelectuais da época e por alguns grupos religiosos como os frades Capuchinhos. Embora havendo ações que visavam a sua preservação física, estes indígenas ainda eram vistos como

obstáculo ao progresso nacional, principalmente nas cidades de Blumenau, Joinville, Lages, Orleães, e outras, sendo ainda vitimados pelas tropas de bugreiros. (SANTOS, 1987 e WIJK, 2005). A idéia de aldeá-los trazia também a intensão de catequizá-los e integrá-los à sociedade nacional.

Entre as ações de aldeamento estava a prática de adoção de crianças Xokleng pelas famílias de alemães da região do vale do Itajaí, em Santa Catarina⁹. A adoção pretendia mostrar um lado humanitário dos membros não-índios das cidades vizinhas, mas tratava-se de mais uma estratégia dentro do processo de integração. Gradativamente a cultura tradicional destas crianças era substituída pela cultura não-índia, bem como sua língua caía no esquecimento à medida que eram socializadas no português.

Esta é uma parte da história vivenciada pelas mulheres Xokleng, juntamente com os demais membros de seu grupo étnico, que revela de certo modo, as diferentes formas de violência sofridas por este povo. A memória de tais violências está presente no cotidiano das professoras Xokleng e de sua comunidade, sendo fonte de pesquisa para seu trabalho docente na escola indígena; mas também, está presente no seu cotidiano fora da TI Ibirama, onde lutam diariamente pelo seu reconhecimento e respeito como povo.

As professoras Xokleng e o ensino superior

Mesmo diante de limitações pessoais e da especificidade de sua cultura, as professoras Xokleng, a quem entrevistamos, vêm

buscando ocupar novos espaços dentro e fora da TI Ibirama, tendo como motivação a vontade de aprender para qualificar a sua prática docente junto às crianças Xokleng, mas, principalmente, para conhecer melhor a cultura não-índia, por meio do estudo e pesquisa nas escolas indígenas desta TI e na Uniasselvi, procurando estabelecer uma melhor posição neste processo inter-relacional.

Esta caminhada teve início no *Curso de Formação e Habilitação de professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental para o contexto indígena Xokleng e Kaingang*¹⁰, oferecido pelo Núcleo de Educação Indígena (NEI) vinculado à Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (SED-RCT/SC) e, mais recentemente, no ingresso em cursos de formação superior, no qual onde enfrentam as dificuldades de acesso à moradia, alimentação, mensalidade dos cursos e na integração com as não-índias e não-índios.

Os primeiros Xokleng ingressaram nos cursos de nível superior após a segunda metade da década de 1990. A procura vem crescendo desde essa época, devido à demanda por professoras e professores indígenas especializados para o exercício da docência nas escolas da TI Ibirama e também pelo compartilhamento das histórias e vivências dos primeiros aventureiros com seus familiares e demais membros da comunidade. A troca das experiências vivenciadas e a ocupação de melhores postos de trabalho na TI Ibirama fez aflorar a curiosidade pelo diferente e a vontade de obter um diploma de nível superior em outros membros do grupo étnico. Hoje, somente

na Uniasselvi, encontram-se matriculados em cursos de Licenciatura 35 (trinta e cinco) Xokleng, sendo que destes 19 (dezenove)¹¹ são mulheres, as quais constituem o grupo majoritário. Este fato evidencia a relevância em se considerar a perspectiva de gênero neste estudo.

A relação intercultural¹² estabelecida no contato constante com o outro e sua cultura, pode constituir-se em um processo de reafirmação e/ou transformação na identidade étnica destas dezenove professoras Xokleng. A circulação em espaços anteriormente dominados pela sociedade ocidental, traz para elas uma nova perspectiva profissional, na medida em que qualifica sua atuação como professoras indígenas e torna possível a resignificação de conceitos e tradições Xokleng, que são recuperados pelas ações para a revitalização cultural promovidos nas escolas indígenas da TI Ibirama¹³.

No que diz respeito às professoras Xokleng matriculadas na Uniasselvi, percebe-se uma reafirmação do modo de conceber-se como mulher e membro de uma comunidade indígena. Em entrevistas realizadas entre janeiro e março de 2006, durante as aulas na Uniasselvi e no trabalho docente na TI Ibirama, foi identificada uma busca pela qualificação de seus saberes, objetivando não só sua aplicação com os estudantes Xokleng do ensino fundamental e médio, mas também, para fins de crescimento individual e financeiro na procura por melhores postos de trabalho na TI e fora dela.

Seus relatos também evidenciaram um sentimento de orgulho na afirmação

de sua identidade indígena, quando estão em contato com as não-índias e os não-índios na Uniasselvi. A identidade étnica Xokleng passou a ser utilizada por elas como forma de estabelecer os limites entre o *eu* e o *outro*, reforçando o senso de solidariedade entre as mesmas.

Esta instituição de ensino superior está sendo um espaço promotor de relações interculturais, um *entre-lugar* onde interação diferentes sujeitos com distintos saberes, culturas e experiências individuais e coletivas que definem a identidade de cada um, seja ela de gênero, étnica, cultural, social, política, etc. Estando estes sujeitos em relação pelo tempo que o contexto educacional oferece, as trocas culturais passam a existir conforme aumenta o nível de interação entre os mesmos. As trocas estabelecidas nem sempre são pacíficas, algumas delas surgem em contextos de confronto identitário trazendo à tona diferenças sociais e culturais históricas, nem sempre compreendidas e aceitas pelos sujeitos em relação.

Quando Stuart Hall (2005, p.39) coloca que a "identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas da falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior", começamos a compreender o processo que estas professoras Xokleng estão vivenciando. O contato com a sociedade não-índia no contexto de ensino superior e as relações que surgem entre os diferentes sujeitos neste processo, podem promover uma transformação em sua identidade indígena, e/ou a reafirmação da mesma, principalmente nos momentos de encontro/confronto direto com o *outro*.

O convívio nos cursos da Uniasselvi e as relações interculturais que se estabelecem trazem consigo não apenas a oportunidade de conhecer o *outro* e sua cultura, mas se constituem em um campo onde possíveis conflitos podem surgir. Embora compartilhando espaços públicos, estes grupos acabam por afirmar suas identidades étnicas a partir das diferenças nelas existentes.

As entrevistas realizadas com as professoras Xokleng em julho e agosto de 2006 abordaram diferentes assuntos, entre os quais o seu ingresso na Uniasselvi e a reação percebida por elas de seus parentes, colegas de aula e docentes. Em meio ao diálogo, algumas destas professoras relataram episódios vivenciados neste centro educacional que revelaram uma entre diferentes visões de suas/seus colegas de curso, sobre os indígenas. Estes expressaram no início das aulas em 2005, o seu descontentamento com relação à presença deste grupo étnico, através do processo de seleção para as bolsas sócio-econômicas¹⁴. A reação das/os não-índias/os foi de crítica à postura da Uniasselvi de ofertar as bolsas para todos os indígenas. Segundo alguns das/os estudantes não-índias/os, os indígenas teriam todas as facilidades por serem tutelados ou *protegidos* do Governo Federal. Segundo as professoras Xokleng, os comentários começaram a cessar com a convivência periódica com as não-índias/os. Estes momentos possibilitaram conhecer melhor a realidade social, cultural e econômica dos povos indígenas, bem como o seu passado histórico, cuja memória revela as adversidades vividas por eles desde os primeiros contatos com as frentes colonizadoras no século XIX¹⁵. A visão

excludente e subalternizadora¹⁶ sobre os indígenas ainda é encontrada em uma parte da sociedade nacional, surge da falta de conhecimento de suas histórias e especificidades culturais.

Ao ingressar em cursos de ensino superior estas professoras Xokleng adentram em um território que é para elas estranho, estando em um contínuo processo de inter-relacionamento com as não-índias e os não-índios. Momentos como os relatados acima promovem uma reflexão sobre o imaginário construído ao longo dos anos de contato entre a sociedade nacional e as populações indígenas. Este imaginário social traz uma visão pré-estabelecida das populações indígenas, impregnada com valores moldados desde a época dos primeiros contatos com as frentes de colonização.

Santos (1987) traz alguns exemplos deste imaginário identificado nos relatos obtidos em entrevistas feitas pelo autor com os não-índios, em seu trabalho de pesquisa realizado na década de 1960 em Santa Catarina, sobre o grupo étnico Xokleng. Um imaginário repleto de desconhecimento sobre a realidade destes povos, os quais passaram do *selvagem desalmado* ao indígena preguiçoso, ladrão, sujo, etc. Segundo Santos (1987, p. 97-98):

A caracterização dos Xokleng como “selvagens desalmados”, que tudo faziam para matar ao branco, foi comum e necessária para se justificar as ações que sobre eles deflagravam os bugreiros e os colonos. Histórias mil sobre a agressividade dos indígenas; sobre sua falta de piedade; sobre sua falta de respeito à vida indefesa, circulavam nas colônias e fazendas. O índio não

era exatamente humano, concluía-se dessas histórias. [...] O índio não é pessoa humana [...] por isso ele comete essas barbaridades.

A visão que os não-índios tinham dos povos autóctones foi construída em meio aos inúmeros conflitos entre os colonos imigrantes e os grupos indígenas presentes nas matas brasileiras. Vistos como *arredios* (SANTOS, 1987), os Xokleng foram caracterizados, muito facilmente, como selvagens por sua especificidade guerreira. A representação pejorativa do indígena do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, prevaleceu entre as comunidades não-índias que ali se desenvolveram (Blumenau, Pomerode, Joinville, Rio do Sul, José Boiteux, etc.).

Foram anos, décadas, séculos de estereótipos criados sobre estes povos. Somente após a década de 1980 é que começaram a surgir Organizações Não-Governamentais (ONG's) que, juntamente com instituições públicas de ensino superior e representações indígenas, passaram a discutir a problemática sobre os povos indígenas, fazendo surgir ações políticas que têm refletido na forma como a sociedade brasileira vê e entende estas comunidades. Ações como as inclusões na Constituição Federal do Brasil de 1988, no Art. 231, capítulo VIII *Dos Índios*, relativas ao seu reconhecimento como grupo étnico, na qual vem assegurar a estes povos "sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens"; mas também, relativas à educação, nos artigos 210 e 215 que vêm assegurar o uso da língua mater-

na e métodos próprios de aprendizagem, bem como a proteção às manifestações culturais destes povos.

A legislação que trata da educação escolar indígena, tem proporcionado a construção de uma escola indígena que, mesmo inserida no sistema educacional nacional, garante a sua especificidade mantendo o uso da língua materna, a sistematização de conhecimentos e saberes tradicionais, a utilização de materiais didáticos construídos pelos próprios professores índios, um calendário que respeita a organização social destes povos incluindo as atividades cotidianas e rituais, permite a elaboração de currículos diferenciados e também, a participação da comunidade na definição dos objetivos e rumos da escola, tornando-os protagonistas na construção de uma escola indígena onde hoje atuam, essencialmente, professores índios (GRUPIONI, 2006).

Embora os avanços legislativos tenham trazido mudanças significativas para os Povos Indígenas, a busca pelo reconhecimento como povo e o respeito por suas culturas é pouco compreendida na sociedade regional. Nos municípios vizinhos à TI Ibirama, a visão estereotipada ainda está muito presente e acompanha estas professoras em sua jornada pela qualificação em nível superior, visto que muitos de seus colegas não-índias e não-índios são provenientes dos mesmos.

A relação com os demais estudantes da Uniasselvi tem recebido atenção do corpo docente que percebem as situações de conflito (que muitas vezes não são explícitas) e, por meio de atividades acadêmicas, promovem momentos de aproximação que

favorecem o conhecimento do outro. Estes indivíduos portadores de culturas e contextos diferentes passam a reconhecer no outro a sua especificidade levando ao respeito às diferenças.

Estas diferenças culturais acabam por constituir-se em fontes de informações sobre o passado histórico e o contexto atual dos povos indígenas e dos próprios estudantes não-índias/os, tornando possível entender o outro e sua história. Estas novas informações são levadas para suas escolas indígenas e não-indígenas, servindo de suporte no processo de ensino-aprendizagem aos seus estudantes.

No percurso de conhecer o *outro*, o indígena passa a conhecer-se a si próprio e a sua história que envolve o contato com o não-índio, buscando na compreensão do seu passado uma reafirmação identitária. Nessa trajetória podem estar construindo novas identidades para si e para o grupo. Redescobrimo seu passado, transformações em sua própria identidade ocorrem, no sentido de que passam a complexificar¹⁷ a história destas relações (WOODWARD, 2005, p.12).

As Professoras Xokleng e seus familiares: relações de gênero

As dificuldades enfrentadas por estas professoras Xokleng para manter-se em uma instituição de ensino superior privada vão além da falta de recursos financeiros¹⁸, elas enfrentam a distância que as separa de suas famílias e a convivência com os regionais.

Depois de entrarem na faculdade, as professoras parceiras da pesquisa, revelam em suas entrevistas que o mais importante

de estar neste ambiente de convívio com os não-índios são as relações estabelecidas, as quais só fizeram crescer seu orgulho em serem indígenas. O movimento de sair da TI Ibirama e entrar na Uniasselvi proporcionou a elas conhecer o *mundo dos brancos* e promover um crescimento considerável em sua auto-afirmação como índias Xokleng.

As dificuldades também se dão com os seus familiares. Algumas delas explicitaram as relações com seus companheiros, de quem enfrentaram/enfrentam resistências referentes às suas decisões de estudarem fora da aldeia. Algumas tiveram problemas apenas no início e outras ainda continuam dialogando com seus familiares, mas todas mantêm sua decisão e vontade de finalizar os cursos. Algumas, inclusive, pensam em dar continuidade aos estudos em programas de pós-graduação.

Os desafios que as relações familiares trazem para estas professoras Xokleng se dão no contexto cultural da divisão sexual do trabalho entre os membros desta comunidade indígena. Para os homens Xokleng o trabalho destinado às mulheres é o trato da casa e o cuidado com os filhos¹⁹. Ao assumirem o trabalho como professoras nas escolas da TI Ibirama, causaram certa desordem doméstica, impondo aos seus companheiros esta tarefa.

O sair da aldeia para qualificar a sua docência em cursos de nível superior, que exigem um afastamento temporário destas mulheres de seus lares, visto que os cursos acontecem de forma presencial nos meses de janeiro e julho.

A visão masculina colocada acima não é partilhada por todos. Alguns homens

incentivaram suas companheiras à assumirem os cargos de docência nas escolas, e oferecem total apoio para que desenvolvam seu aprendizado na Uniasselvi.

O que percebemos nesta sociedade indígena até o momento, é uma complexa transformação social que vem promovendo uma alteração dos papéis sexuais na divisão de trabalho. Isto deve-se, provavelmente, ao contexto histórico do contato intenso com a sociedade não-índia.

Fernandéz (2006) nos clarifica as relações sociais entre homens e mulheres, permitindo pensar sobre estas transformações que estão ocorrendo na divisão sexual do trabalho na sociedade Xokleng. Para a autora, "la incorporación masiva al mundo laboral por parte de las mujeres há significado en la práctica, una mayor carga al combinar responsabilidades domésticas y laborales" (2006, p.02).

As mulheres Xokleng passaram a assumir postos de trabalho antes destinados apenas aos homens Xokleng, como a docência nas escolas indígenas e, mais recentemente, assumindo os cargos como diretoras nestas escolas. Outro dado importante a ser analisado futuramente, é a tomada de posições de poder dentro da TI Ibirama, assumindo cargos de cacique e vice-cacique em suas aldeias, principalmente a significação disto para as professoras parceiras nesta pesquisa.

As transformações que vêm ocorrendo na divisão sexual do trabalho entre os Xokleng é vista largamente em diferentes sociedades, desde a metade do século XX. É preciso, para tanto, conhecer as situações sociais, culturais e históricas em que se en-

contram estes grupos e como vêem/pensam suas necessidades.

Tendo presente estes processos inter-relacionais, juntamente com as diferentes percepções que provavelmente estas pessoas fazem umas das outras, percebe-se a complexidade existente nas ações e reações que acontecem por trás delas. Avaliar a complexidade destas relações é necessário para a compreensão do processo de encontro/confronto entre os grupos indígenas e a população não-índia em um mundo cada vez mais interligado, que torna ainda mais tênue suas fronteiras culturais. Entender este processo implica problematizar a complexidade destas relações, a partir das quais cada sujeito e cada grupo étnico elabora seus próprios significados.

Considerações parciais

Esta pesquisa está em fase de análise dos dados obtidos com as entrevistas e o convívio com as professoras Xokleng. Assim, não pretendemos apresentar conclusões, mas podemos dizer que, até o momento, a Uniasselvi tem se mostrado um espaço intercultural promotor de inter-relações entre índias/os e não-índias/os; que está aberta ao conhecimento sobre as particularidades culturais dos grupos envolvidos, por meio de ações voltadas à preparação do corpo docente. Estas ações têm sido realizadas no início de cada semestre, desde o ingresso do primeiro grupo Xokleng em janeiro de 2005²⁰, revelando-se em um campo fértil para a pesquisa científica nesta instituição.

A participação das professoras e dos demais membros do grupo Xokleng na

Uniasselvi tem propiciado trocas de conhecimentos sobre a realidade indígena em Santa Catarina, a qual não nos foi ofertada ao longo dos anos de escolarização, devido a um currículo que valorizou, por muito tempo, apenas o desenvolvimento econômico do país. Hoje, os movimentos sociais voltados para a educação brasileira vêm procurando avaliar os conteúdos repassados às crianças e jovens, buscando, por meio de políticas públicas, tornar os currículos escolares mais interculturais.

A mudança para este espaço intercultural (a Uniasselvi), mesmo que por pouco tempo, amplia o contato destas indígenas com a sociedade nacional. As relações interculturais que se desenvolvem neste contexto colocam inúmeras questões que instigam a necessidade de pesquisa e de elaboração do conhecimento a este respeito. O que podemos perceber, desde já, é que ao mesmo tempo em que estas professoras querem ampliar seus conhecimentos profissionais, elas também querem manter suas tradições, fortalecer sua língua e sua cultura. O contato intenso acarreta em uma troca de conhecimentos com os regionais, mas também de novos hábitos.

A interculturalidade pensada juntamente com a perspectiva de gênero neste estudo, tem se apresentado como um enfoque epistemológico importante para se analisar possíveis transformações na identidade étnica das professoras Xokleng no contexto de sua procura pela formação universitária.

Dentro de um contexto intercultural as relações de gênero estabelecidas têm promovido a configuração de uma identi-

dade étnica que, por um lado, vêm se valorizando e reafirmando diante dos grupos não-índios, com quem estas professoras Xokleng estabelecem trocas culturais; por outro lado, promovem uma reflexão dos conceitos e tradições relativos à divisão sexual do trabalho dentro deste grupo étnico, devido a uma apropriação de conceitos e hábitos culturais externos à esta cultura indígena.

Esta pesquisa buscará aprofundar a análise referente às relações de gênero estabelecidas entre estas professoras e seus familiares. Podemos afirmar por hora, que estas relações estão profundamente ligadas às relações interculturais estabelecidas com os não-índios e que ambas promovem a construção/reafirmação da identidade étnica destas mulheres.

Este estudo tem nos revelado nuances presentes nas representações que as professoras Xokleng fazem de si mesmas, como identidade étnica e como identidade de gênero, no que diz respeito a sua formação acadêmica e profissional. Compreende-se que, nas transformações que estão ocorrendo no seu processo de construção identitária, a partir das trocas estabelecidas entre professoras Xokleng e as não-índias e não-índios no espaço intercultural da Uniasselvi, as dimensões de etnia e de gênero se reconfiguram mutuamente, constituindo *entre-lugares* que ensejam a emergência de novos significados da ação profissional e educacional.

Notas

¹ O termo *fronteiras* é proposto por Tassinari (2001) para designar um lugar, no caso de sua pesquisa – à escola indígena – que seja promotor de articulações e trocas de conhecimentos, mas também de confronto e possível redefinição das identidades pessoais e coletivas assumidas por índios e não-índios.

² O grupo étnico Xokleng é falante de uma variante lingüística da família Jê, derivada do Tronco Macro-Jê (SANTOS, 1987). Habitam em tempos atuais, um espaço territorial de 14.156 hectares demarcado em 1975, conhecido como TI Ibirama, juntamente com outras famílias pertencentes aos grupos étnicos Kaingang e Guarani. O território inicialmente reservado ao povo Xokleng somava 37.000ha. Atualmente este povo vem reivindicando junto ao Ministério da Justiça a demarcação total de sua antiga área. A TI Ibirama está localizada ao longo dos rios Hercílio e Plate, entre os municípios de José Boiteux, Victor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis (HENRIQUES, 2000). Hoje, a população Indígena da TI soma aproximadamente 1.600 (hum mil e seiscentos) indígenas distribuídos em sete aldeias: Bugiu, Toldo, Palmeirinha, Sede, Coqueiro, Figueira e Pavão conforme dados obtidos na Fundação Nacional de Saúde (Funasa). O censo realizado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em 1997, pontuou várias famílias Xokleng vivendo nas periferias de Blumenau, Joinville e Itajaí no estado de Santa Catarina. No ano de 1999, somente na cidade de Blumenau haviam 89 (oitenta e nove) indivíduos, identificados na pesquisa para dissertação de mestrado de Henriques (2000, p.42). Atualmente a população da TI sofre com a falta de recursos que garantam a sua sobrevivência econômica. A busca pela formação universitária vem da necessidade de aprimorar a prática docente na TI mas, também, para ocupar novos postos de trabalho que promovam uma melhor qualidade de vida para estas pessoas e suas famílias.

³ Os cursos de Licenciatura têm regime diferencial. Durante os meses de janeiro e julho ocorrem os encontros presenciais; sendo que os alunos retornam à universidade uma vez por mês para

acompanhamento. Durante o período de estágio que faz parte dos currículos a partir da 4ª fase destes cursos, o número de encontros aumenta para dois.

⁴ Ver Bhabha(1998) e Certeau (1995).

⁵ Ribeiro (1996) e Santos (1987) fazem menção à aspectos culturais relativos às mulheres Xokleng em suas pesquisas. Cristóvão (1999) abordou a visão das mulheres Xokleng sobre a construção da Barragem Norte, próxima à TI Ibirama. Henriques (2000) trouxe dados relativos às mulheres Xokleng moradoras da cidade de Blumenau, SC.

⁶ Sobre a história do contato com os índios Xokleng, ver também Henry(1964), Namen (1991), Ribeiro (1996), Wiik (2004) e outros.

⁷ Os núcleos coloniais eram caracterizados por pequenas propriedades (lotes de terra) adquiridos pelas famílias de imigrantes.

⁸ Geralmente os bugreiros atacavam por tocaia à noite, matavam todos os adultos, poupando algumas mulheres e crianças, que eram levadas para as cidades de Blumenau, Florianópolis e outras localidades no estado de Santa Catarina, onde eram batizadas e adotadas por famílias burguesas ou por religiosos.

⁹ Algumas das crianças adotadas têm sua história relatada no livro de Santos (1987) *Índios e brancos no sul do Brasil*, como a menina Korikrã adotada pela família do Dr. Hugo Gensch, médico que atendia na época em Blumenau; da menina Wat, filha do cacique Kam-Rem adotada por outra família da mesma cidade; da menina Benedita Inglat adotada pelo Dr. Wiegand Engelke, médico residente em Joinville; entre outras crianças (SANTOS, 1987, p. 185-91).

¹⁰ Realizado no Colégio Agrícola Caetano Costa, no município de São José do Cerrito, em Santa Catarina, o curso teve início em 1999, sendo concluído em 2002 com a formatura de 47 professores índios das etnias Xokleng e Kaingang (HENTZ, 2005, p.113-16).

¹¹ Destas 19 mulheres Xokleng matriculadas na Uniasselvi, 9 freqüentam o curso de Letras, 1 de História, 1 de Geografia, 3 de Biologia, 2 de Matemática e 3 do Normal Superior.

¹² Relações interculturais são processos relacionais estabelecidos entre grupos portadores de culturas diferentes. A interculturalidade hoje é pensada tanto como uma perspectiva epistemológica, devido ao

intenso debate entre diferentes concepções sobre as relações sociais que envolvem diversos *grupos identitários, como objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade [...] e a ambivalência ou hibridismo [...] dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero, de ação social* (FLEURI, 2003a, p.17).

¹³ Uma das ações que vem sendo realizada é a recuperação da língua materna, através das iniciativas do índio Xokleng Namblá Gakran, mestre em lingüística pela Universidade de Campinas (Unicampi), em São Paulo. Outras iniciativas são implementadas através dos trabalhos em sala de aula sobre o conhecimento de ervas medicinais entre os membros mais velhos do grupo e o aprendizado do artesanato Xokleng.

¹⁴ O desconto a que se referem diz respeito a lei complementar 281 que regulamenta o artigo 170 da Constituição do Estado de Santa Catarina, e que garante o auxílio em forma de bolsa para alunos carentes matriculados em instituições de ensino superior. Este auxílio é destinado a qualquer aluna ou aluno carente matriculada/o independente de sua etnia, raça ou gênero.

¹⁵ O primeiro contato dos índios Xokleng com os não-índios se deu com as frentes colonizadoras de imigrantes paulistas e europeus, depois com as missões religiosas que tinham por objetivo a catequização destes e de outros povos indígenas como a Liga Patriótica organizada em 1907, até serem finalmente aldeados pelo Serviço de Proteção aos Índios/SPI, em 1910, passando a serem responsabilidade da Funai, depois da década de 1970 (SANTOS, 1987).

¹⁶ Azibeiro (2006a, p.84) utiliza o termo *subalternidade* em sua pesquisa com comunidades de periferia na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, onde nos conduz para o entendimento deste termo a partir das relações que *produzem hierarquizações ou subalternizações*. Para a autora, estas relações foram estabelecidas a partir de um imaginário

construído com bases religiosas em que foram designados ao colonizador a *bondade, a civilização, a racionalidade* e, ao colonizado, foram relegadas a *maldade, a ignorância e a selvageria*, levando à uma *produção de subjetividades que submetem e inferiorizam* os grupos socialmente minoritários os quais terminam por [...] *assimilar esses discursos e assumir a perspectiva do colonizador ou do opressor* (AZIBEIRO, 2006b, p.03-04).

¹⁷ A complexidade concebe o mundo como um todo indissociável, propondo uma abordagem multi/transdisciplinar para a construção do conhecimento, dando lugar à diversidade, dialogicidade, criticidade e a criatividade. Este novo campo epistemológico vem sendo foco dos estudos de diferentes pensadores, entre eles, Edgar Morin (1995), Humberto Maturama (2002a; 2002b), Francisco Varela (s/data) e Gregory Bateson (1979).

¹⁸ As(os) estudantes Xokleng costumam alugar casas próximas à Uniasselvi no período de aulas presenciais. Os gastos com moradia, alimentação, matrícula, mensalidade dos cursos e material didático são pagos por eles sem auxílio externo. Estas pessoas conseguiram ser inseridas no artigo 170 da Constituição Estadual de Santa Catarina que garante o auxílio em forma de bolsa para alunos carentes matriculados em instituições de ensino superior, que garante um desconto de 50% à 80% individualmente a partir de uma avaliação sócio-econômica de cada estudante; no entanto, este auxílio não cobre todas as despesas aqui citadas.

¹⁹ Tradicionalmente as mulheres Xokleng tinham como tarefa o cuidado com seus filhos, a coleta de frutos e o preparo dos alimentos, bem como teciam mantas com a fibra da urtiga e confeccionavam cestas, panelas de barro e adornos corporais. Aos homens era reservada as tarefas de caça, pesca e fabricação de lanças, arcos, flexas e outros utensílios do gênero. Ver Santos (1987), Ribeiro (1996) e Wiik (2005).

²⁰ Dado obtido em pesquisa de campo realizada na Uniasselvi, Indaial, em outubro de 2006, junto à coordenação dos cursos de Licenciatura.

Referências

AZIBEIRO, Nadir Esperança. *Educação intercultural e comunidades de periferia: limiares da formação de educador@s*. 2006a. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: PPGE/CED/UFSC, 2006a.

_____. *Em busca de uma perspectiva dialógica*. Disponível em: <http://www.mover.ufsc.br/pdfs/2005_Azibeiro.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2006b.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998;

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. 250p.

BATESSON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Toronto: Chandler Publishing Company. 1979.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas-SP: Papyrus, 1995, 253p.

CHRISTÓVÃO, Mariani Balland. *A Mulher Indígena do Vale do Itajaí*. 1999. 220f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Universidade do Centro-Oeste do Paraná, Guarapuava-PR, 1999.

FERNÁNDEZ, Maria del Pilar Miguez. El análisis de género en la educación escolar. Disponível em: <<http://interbilingue.ajusco.unp.mx/modules.php?name=news&file=article&sid=182>>. Acesso em: 12 dez.2006.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

_____. Intercultura e Educação. *Revista Grifos*. Chapecó: Argos, 2003b. 200p.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. *Cadernos Antropologia em Primeira Mão*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC), 1996, n. 24, p. 1-15;

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. A política de educação escolar indígena. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/portugues/indenos/polit_educacao.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro; DP&A, 2005.

HENRIQUES, Karyn Nancy Rodrigues. *Territórios indígenas em espaços urbanos: um estudo da migração dos indígenas da TI Ibirama para Blumenau-SC*. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

HENRY, Jules. *Jungle people: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil*. New York: Vintage Books, 1964. 216p.

HENTZ, Maria Izabel de Bortoli. *Nas vozes da educação escolar indígena: os sentidos do discurso dos professores Xokleng como elemento constitutivo da identidade*. 2005. 220 f. Tese

(Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2005.

MATURAMA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002a.

MATURAMA, Humberto & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2002b.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget, Portugal, 1995.

NAMEM, Alexandre Machado. *Botocudo: uma história de contato*. Florianópolis: Editora da UFSC; Blumenau: Editora da FURB, 1994, 111p.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a Civilização*. 7.ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: Minc/Pró-Memória/INL, 1987. 313p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, 1990, p. 5-22;

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; LEAL FERREIRA, Mariana Kawall (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global/Mari, 2001, 398p.

WEBER, Cátia; NARDI, Ivanete; FLEURI, Reinaldo Matias. Do outro lado do espelho: a resignificação dos conceitos de igualdade e diferença no campo da educação intercultural. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, *Anais...* Niterói-RJ: Grupalfa/UFF, 2005;

WIIK, Flávio Braune. *Christianity converted: an ethnographic analysis of the Xokleng Laklanõ indians and the transformations resulting from their encounter with pentecostalism*. 2004. 358p. Dissertação (Doutorado) – The University of Chicago, Estados Unidos da América. Department of Anthropology, 2004.

_____. Xokleng. In: MELATTI, Júlio César (Org.). *Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental (ISA). Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: mar. 2005.

WOODAWRD, Kathryn. A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: perspectivas dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72;

VARELA, Francisco. *Conhecer – as ciências cognitivas: tendências e perspectivas*. Lisboa: Instituto Piaget, [s.d.].

Recebido em 17 de agosto de 2006.

Aprovado para publicação em 30 de agosto de 2006.